

Coleção Remate de Males

Número 5, 1985

Páginas 35-41

## A LIÇÃO LIBERTÁRIA DE 'VULCÕES'

Fábio Lucas

Como todas as doutrinas, o anarquismo não se apresenta de uma forma monolítica. Várias correntes e personalidades defenderam princípios que hoje formam a concepção libertária da vida.

A História chega a registrar duas fases do movimento anarquista no mundo: uma dita "pacifista" e outra considerada "violenta", a indicar táticas de ação política.

Deriva do anarquismo o conceito da universalidade da oposição à autoridade. Mas há nuances entre autores e movimentos. Assim, na obra do príncipe Kropotkin, um dos grandes nomes do pensamento anárquico, muitos encontram a nostalgia dos velhos bons tempos, das sociedades primitivas e das comunidades medievais. A seu ver, mais do que a luta pela vida, preceito consagrado de Charles Darwin, o que garante a sobrevivência da espécie é a "ajuda mútua".

Bakunin, outro expoente anarquista, considerava que a força moral baseia-se na vontade e na emoção. Bateu-se contra o socialismo "científico".

De modo geral, os anarquistas sempre se pronunciaram pela justiça que se apóia na igualdade e na reciprocidade, associando a liberdade dos indivíduos e dos pequenos grupos à fraternidade. Manifestam-se contrários à obediência a indivíduos ou a entidades metafísicas.

Deste modo, sempre questionaram o Estado, cuja eliminação é aconselhada ou cuja ação deve ser minimizada, quando não substituída por formas de cooperação inteiramente livres e espontâneas entre indivíduos, grupos, regiões e nações.

No pensamento de William Godwin, as leis não são produto da sabedoria dos nossos ancestrais, mas de suas paixões, seus temores, ciúmes e ambições.

As idéias anarquistas tiveram ampla difusão e, naturalmente, foram recolhidas pelas obras de literatura. Para citar apenas alguns exemplos, lembremos o teatro de Ibsen, a poesia de Walt Whitman, o romance de Tolstói (o inolvidável Guerra e Paz) e de Zola (Paris, 1898, e Trabalho, 1901).

No Brasil, várias obras se caracterizaram pela difusão das idéias libertárias. É o caso de Vulcões, "romance social" de Avelino Fôscolo (Porto, Livraria Católica Portuguesa, s/d).

Ao romancista, Eduardo Frieiro dedicou um livro - O Romancista Avelino

Fôscolo (B. Horizonte, Sec. da Educação e Cultura de Minas Gerais, 1960, ensaio reproduzido no volume póstumo, Encontro com Escritores, B. Horizonte, Itatiaia/INL, 1983), embora dê pouco espaço e reduzida importância ao "romance social".

Cumprir aqui tentar uma distinção que tem preocupado alguns teóricos da narrativa: a que separa o romance social do romance político. No primeiro, o elemento coletivo ocupa o primeiro plano, enquanto predomina o elemento pessoal no segundo, pois, neste, não se pretende mostrar o processo social na sua fermentação, mas, antes, a tática ou a ação de grupos ou camadas em busca do poder.

Os ancestrais do romance social podem encontrar-se entre os rapsodos da Grécia antiga, pois estes recitavam as glórias e as batalhas passadas do seu povo, enquanto os bardos, incumbidos de exaltar os eventos e as glórias presentes, seriam os avós do romance político.

Num trabalho dedicado ao assunto, Fritz Teixeira de Salles assinala: "O assassinato político, na literatura antiga, era sempre determinado pela inveja ou ambição do poder. O melhor exemplo desse fato está no Macbeth. No romance político, trata-se de cumprir uma resolução partidária cujas vantagens não beneficiam o indivíduo que o pratica, mas ao partido. Nesse sentido, Zero e o Infinito será exemplo sempre lembrado." ("Miguel Asturias e a novela política hispano-americana", em Revista Brasileira de Estudos Políticos, nº 6, Julho de 1959, B. Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais).

Avelino Fôscolo chamou Vulcões de "romance social". Na verdade, a obra apresenta um diagnóstico da sociedade, selecionando nesta os valores burgueses mais em evidência, os mais decadentes, como a família, a religião e as relações de trabalho.

A própria palavra "vulcões" é utilizada para designar um sintoma da sociedade, que carrega consigo um complexo de contradições, uma efervescência capaz de conduzir a uma explosão.

Nas falas e reflexões, costuma-se invocar os vulcões sobre os quais estão assentados os protagonistas na sua conduta burguesa e na inconsciência dos males em que se baseiam seus valores e objetivos.

O romance está impregnado da utopia operária, insinuando que, num futuro não muito distante, a maré montante da classe trabalhadora viria extirpar vitoriosamente os sinais de decadência da sociedade burguesa.

Poder-se-ia, portanto, classificar Vulcões como um "romance proletário". Como o propôs Dorothy Brewster: aquele romance caracterizado pela presença capital da luta de classes, motivadora da mensagem que se procura expor (cf. Dorothy Brewster & Angus Burrell, Modern Fiction, N. York, Columbia University Press, 1934).

Mas o designativo "romance social" parece-nos calhar melhor a Vulcões, dentro de sua restrita forma didática.

Com efeito, o narrador, a todo momento, não hesita em estar ensinando, emitindo juízos éticos e políticos dentro de uma visão teleológica, mais interessado na solução dos problemas do que no seu questionamento ou, mesmo, na busca da verdade.

Esta, em princípio, já se considera pre-determinada e o que o narrador faz, quer na sua fala, quer na dicção das personagens eleitas, é afagar as aspirações utópicas da sociedade.

O trecho de Vulcões caricatura as práticas eleitorais da época e mostra principalmente a vulnerabilidade das instituições familiares, de modo especial o casamento. Relata a estória de duas irmãs, uma legítima, Clara, e outra ilegítima, Carmen, que são envolvidas pela sanha de um advogado aventureiro e calculista, que aspira, ao mesmo tempo, realizar um casamento afortunado e manter uma amante luxuriosa.

O ambiente é todo de hipocrisia, pois as pessoas encarregadas da defesa dos valores sociais mostram-se todas insinceras e interesseiras. Assim, D. Carolina, mãe de Carmen, a adúltera, mas "mulher de princípios muito rígidos" (p. 22); o Conselheiro Bastos, zeloso pai de Clara, mas que oculta a paternidade de Carmen; e os outros protagonistas, todos envolvidos na teia do imediatismo.

Clara se casa com Brito, por amor, enquanto este se casa por interesse. Do mesmo modo, Silva, filho de um fazendeiro, une-se ingenuamente a Carmen, seduzida pelo advogado Brito. E este, insinuante, capaz até de assumir idéias avançadas, acaba por hipnotizar as duas irmãs, Clara e Carmen, subjugando-as aos seus objetivos.

Clara, a doce esposa, não resiste às pressões morais e termina entregando-se ao vício da cocaína. Não resistindo à afronta do "caso" do marido com a irmã, decide assassiná-la. Esta, tendo abandonado o marido em favor do indeciso amante, inicia-se na prostituição, quando é morta pela irmã ultrajada.

Em meio a tanta podridão destaca-se a figura de um filósofo, Samuel, tio das rivais. Pela sua fala é que se captam o diagnóstico da sociedade e as idéias de redenção. Leitor inveterado, cita os seus autores: Comte, Goethe, Kropotkine, Cornelissen e Grave. Reflete as propostas didáticas do romance, receitando os remédios para a questão social.

Numa viagem que faz em companhia de Carmen, Clara e Brito, à Serra da Piedade (de cuja volta divisava Sabará e Caeté), encantou-se com o esplendor da paisagem, que, a seu ver, deveria ser pintada por Grim e Caron. Como Brito manifestasse desprezo pela arte, Samuel faz-lhe a defesa: "*Chamar inútil à arte é condenar os mundos infinitos, cujos fins desconhecemos, é tachar de supérflua a vida dos seres microscópicos que não escravizamos.*" (p. 56).

Aliás, a primeira aparição de Samuel no romance já é assinalada por uma posição contrária ao Estado. Estava-se numa seção eleitoral (a estória se passa depois da Primeira Grande Guerra e a data provável do romance é, segundo Eduardo Frieiro, 1920) e, perguntado se não iria votar, dá-se o seguinte diálogo:

"- Fosse eu eleitor; votar por que e para quê? - interrogou avincando a frente. Constituir um senhor para me botar a canga ao pescoço.

"- Não! - retrucou o outro; - é um delegado para representá-lo.

"- Somente o indivíduo conhece as próprias necessidades, o foro íntimo, e pode agir de acordo com eles.

"- E o Estado, então?

"- Está a cair de podre! Você não vê, não sente, senhor Godinho?

"- Lenine!

"- Kropothkine antes." (p. 11)

Vê-se, portanto, a clara definição anarquista do filósofo, espécie de alter-ego do Autor.

Na viagem à Serra da Piedade, referida, Samuel se comove com o esforço dos "pobres campônios", na sua "injusta escravidão". Aí se denunciam os seus fundamentos filosóficos: *"E prelibava o gozo daquela sociedade futura: um mundo novo, sem fome e sem escravizados, tendo o comunismo como base, o amor como meio e a felicidade de terrena como fim."* (p. 53)

Quando Samuel contempla, na subida da Serra, o carreiro a aguilhoar furiosamente os bois (reproduzindo nos animais a violência que recebe da sociedade), faz um protesto enérgico, ante a indiferença risonha de Brito, o que provoca este comentário do filósofo:

"- Em verdade, não sei qual dos dois é mais desgraçado, se o boi ou o homem que o governa, explorados ambos pelo capitalismo, escravizados ao mesmo senhor." (p. 54).

Funcionando sempre como a consciência crítica da narrativa, Samuel é apresentado como um sábio que "freqüentara diversas academias sem se diplomar jamais". (p.70). Tem conceitos ásperos acerca do casamento e condena a "poligamia hipócrita" que vê a seu redor.

Já adiantado o enredo, confronta-se com o turco Simão Jorge, que vendia cocaína a Clara, sobrinha do filósofo - "libertário, sem ódio de raça, sem distinção de nacionalidade" (p. 144).

O anarquista, então, encara o comerciante, "com olhar severo, mas benevolente", a meditar sobre o mal que o dinheiro traz, desejando o fim da ganância, do vício e da servidão, para que *"... surgisse uma sociedade melhor, tendo o trabalho como base do progresso, o amor como sustentáculo da família e o comunismo, que é a solidariedade humana, como vínculo de todos os povos."* (p.145)

Então, vem o comentário seguinte, que tanto pode pertencer ao narrador, quando à personagem, recurso que Charles Bally chamou de estilo indireto livre: *"A ressurreição estava próxima decerto, a humanidade ia-se libertar das lavas de um vulcão de injustiças que perdurara demais."*

Como estamos percebendo, Vulcões transmite a ideologia anarquista. A ação se passa num tempo posterior à Revolução Soviética. Samuel, a personagem eleita para transmitir a visão do mundo e o entusiasmo profético, cita Lenine e Kropotkine, dando realce a esta última personalidade. No Brasil ainda não se tinha organizado o Partido Comunista, cuja fundação data de 1922.

Circulam no livro algumas teses caras ao pensamento libertário. A situação do casamento e da mulher, por exemplo. Em dado momento, o filósofo, em diálogo

com a sobrinha Clara, invoca o princípio da afinidade eletiva de Goethe, para sustentar uma polêmica contra o casamento por conveniência:

"- É uma lei - explicou o Samuel, tomando modos e tom catedráticos - de química. Quando reunimos em um vaso duas substâncias, se existe afinidade eletiva, unem-se formando um corpo composto, como o hidrogênio e o oxigênio na formação da água; mas se não há simpatia conservam-se unidos sem constituírem jamais um corpo homogêneo. É o que se dá com o casamento por conveniência: falta-lhe a afinidade eletiva e ainda que os cônjuges vivam sempre unidos, não formarão jamais um todo pelo amplexo absorvente do amor. São a união livre, são o livre amor..."

O romancista, a certa altura, põe a personagem Brito, bacharel em ciências jurídicas, "espírito superficial, mas preparado", a dialogar com D. Carolina e Carmen, destinatária de sua cobiça erótica. O bacharel astuciosamente elabora um discurso acerca das desvantagens da mulher na sociedade e no casamento, pois "a mulher saca contra o futuro jurando amar eternamente aquele que a comprou". (p. 73).

A resposta da desejada Carmen vem imediata:

"- foi o sexo forte que instituiu tais leis."

O esperto advogado passa, então, a defender uma tese naturalista, pois o amor liberta a mulher da escravidão: "Acima da sociedade está a natureza"(...)

Mais adiante, em situação diferente, o mesmo Brito, juntamente com a mulher, Clara, irá visitar Carmen, então casada e a viver com o marido na fazenda. Este defende o princípio de que a mulher casada tem de abdicar de todos os prazeres da vida mundana pela felicidade doméstica. E Brito, segundo o narrador, "pregara idéias emancipadoras da mulher para sobressair, por smartismo." (p. 101)

Curiosamente, em outra cena, em que ingressa num salão de festa com a esposa, o advogado, contemplando-a vistosa, é apresentado a refletir sobre a beleza da mulher, considerando-a escrava das aparências provocadoramente eróticas, de um ponto de vista que se diria hodiernamente moderno: "O Brito contemplava-a desvanecido de gozo. Adorava os vestidos modernos: muito braço, muito seio nu, muita perna em exposição... Era a conquista do homem pela volúpia, o golpe de morte na sonhada emancipação da mulher. Quem se transforma assim em objeto puramente de prazer, não faz jus, por certo, à liberdade." (p. 152)

Encontramos, naquele passo, uma observação de interesse histórico. Brito, excitado pela presença de Carmen, sua amante, tira-a para dançar um tango (grifa do no texto). E comenta com a sua parceira: "o tango é a dança essencialmente nacional e nada se lhe pode comparar." (p. 154).

O tema do amor livre está na preocupação do narrador. Quando o Silva, marido traído, conversa com o pai, o velho Fidelis, este procura mostrar ao filho que não bastaria abandonar a esposa infiel, seria necessário matá-la.

O Silva reage, pois aquilo seria "violiar a liberdade alheia". E o comentário que se segue registra bem o tom ideológico em que a narrativa é escrita: "O homem de antanho recuou apavorado ante a resposta do Silva. Que! aquele rapaz, criado no regime do autoritarismo antigo, habituado às cenas de sangue da escravidão, presen-

ciando diariamente violências de toda a espécie na sociedade de que fazia parte, deixara-se dominar, sem o sentir talvez, pela onda avassaladora do anarquismo invadindo a própria barbacã burguesa! e aceitara sem protesto, confessara sem pejo o direito do amor livre para a mulher também! Era a idéia nova a irromper por toda a parte, a descer das montanhas, fazendo erupções nos próprios vales que criam tranquilos por séculos de adormentamento." (pp. 171-172).

Novela social, de marcante intuito didático, Vulcões desenvolve a apresentar, em variadas circunstâncias, uma crítica contundente ao capitalismo. Em certa ocasião, as personagens se põem a discutir a revolução - a "onda maximalista" - e a condenar a subversão de valores que ela traria ao País. O Padre José da Purificação, apontado por alguns como possível pai de Carmen, reivindica, então, um socialismo católico, como forma de barrar os horrores da revolução traumatizante.

Quando o Brito faz a apologia das riquezas já adquiridas pela humanidade, o filósofo Samuel comenta, passando, a seguir, a discutir com o Conselheiro:

"Essas fortunas, que são o progresso realizado nas ciências e nas artes, foram adquiridas por uma multidão anônima e devem voltar às mãos que as produziram -olveu o Samuel.

"- O Capital - disse o Conselheiro - é o trabalho ganho e conservado pelo indivíduo".

"- A riqueza - tornou o Samuel - é o produto da especulação, da fraude e jamais do trabalho produtor. Se o capital fosse o reflexo do labor, ricos seriam esses que se matam na lavoura e na indústria." (pp. 39-40).

Como Clara, após o malogro do casamento e a infidelidade do marido, se tornara cocainômana, o tema é proposto. E Brito, embora com certo cinismo, entra a defender a cocaína perante o Conselheiro, coronel Fidelis, o padre e D. Carolina, confrontando o vício com os do cigarro e do álcool. E argumenta: "A cocaína, dizem, aviva as idéias, desperta a fantasia, afugenta as mágoas, cria o sonho e adormenta a dor! São estes os predicados que os viciosos emprestam ao fumo e ao álcool." (p. 131)

A narrativa não apresenta sempre uma linguagem fluente. Está eviada de um estilo acadêmico, por vezes postiço. Há trechos, como a descrição da viagem à Serra da Piedade, que lembram o naturalismo, pela abundância de informações tópicas, meramente ornamentais. Apenas um exemplo de eloquência descabida: "O Brito, assentado nos degraus do Carmo, gozava o refrigerante zêzire do oriente. Já o sol se declinava, nóstia rubra na pátana do horizonte, lacrimejando amortecidos raios sobre a volha cicalude." (p. 79).

Mas há trechos de grande inventiva e percepção psicológica. Um exemplo está na cena em que o Brito, pressionado pelo desejo de ver Carmen, salta a janela de sua casa, num ato decisivo, após forte hesitação. A intensidade emocional está posta nos devidos termos, no final da p. 138, que conclui assim: "Jogou uma moeda de prata consultando a sorte; deu cruz, devia ficar, mas foi."

Captam, por vezes, os sinais da época no entrecho da narrativa. Assim, ambicionando uma posição política, Brito propõe a sua plataforma: "- Comigo! é ali:

*estrangeiros indesejáveis, expulsos; nacionais grevistas, Fernando de Noronha.*" (p. 151)

Com efeito, a crônica da época anota incontáveis expatriamentos de operários anarquistas, bem como sistemático confinamento de grevistas.

Na parte final do romance, quando dialogam o Juiz e o Promotor acerca da situação de Clara, então assassina de Carmen, este último acentua a relatividade das normas e das leis, traçando o quadro da época: "*As leis são para serem interpretadas e a nós compete fazê-lo. Vejam a Constituição: viram-na, reviram-na, pondo-a sempre em acordo com o interesse dos amigos. Em dois casos idênticos mandam intervir e não intervir nos Estados; a morada do cidadão ora é violável ora inviolável; o estrangeiro ora é desejável, se é rico, e goza das garantias constitucionais, seja embora caften, ladrão e perturbador da ordem; ora é indesejável se é um pobretão que não aceita sem protesto a servidão e o esbulho do seu labor.*" (pp. 194-195)

O capítulo final mostra o enterro de Carmen. O Padre é descrito na sua solidão, após o enterro, a contemplar as igrejas e o vazio de tudo aquilo. Os barulhos que vêm de fora são de uma greve (sic): "*Ferrovários, tecelões, mineiros em greve aclamavam a revolução em marcha do Norte para o Sul, do Oriente para o Ocidente como um grande sol a iluminar um mundo novo.*" (p. 214).

O final de Vulcões é apoteótico. Indica os sinais de uma nova era, o mundo sonhado pelo narrador.

Eduardo Friero, ao mencionar o romance, considera-o o menos expressivo de Avelino Fôscolo. Infelizmente, não nos foi dado encontrar os demais. Mas, pela leitura que fizemos, pela terceira vez, de Vulcões, ficou-nos a impressão de que não se trata de um texto a ser desprezado.

Há toda uma literatura não oficial no Brasil que precisa ser redescoberta e analisada. O valor interpretativo de narrativas desta natureza é imenso, pois, além dos problemas literários e estilísticos que podem suscitar, resta investigar por que, de antemão, foram sistematicamente excluídas do corpus literário preparado pelas histórias da literatura e pelas antologias, que oficializaram determinado saber em nossa Pátria.

Com efeito, os ingredientes de romances como Vulcões formam uma História que somente agora está sendo composta e que poderão ajudar a entender a totalidade de nossa formação, evidenciando a estratégia que a classe dominante brasileira tem assumido ao longo dos tempos. Os romances, dentro de sua feição didática, dão acesso a uma informação ideológica, de que são veículos, carregada de crítica ao ambiente social, bem como de promessas de reforma que ora registram as aspirações nacionais, ora desenham os contornos de nossa utopia.